

# VAMOS EM FRENTE

*Carlos Pinto*





**Discurso proferido durante o jantar  
organizado pelo povo do Concelho da  
Covilhã em 10 de Julho de 2009**



## ÍNDICE

COVILHÃ – CIDADE DO TRABALHO_____	7
PODER LOCAL – PODER DO POVO_____	8
SER COVILHANENSE_____	10
OBRA FEITA_____	12
CENTRALIZAÇÃO E PARTIDARIZAÇÃO_____	14
OBRA POR FAZER_____	16
O DESAFIO_____	18
VAMOS EM FRENTE_____	21



## **COVILHÃ – CIDADE DO TRABALHO**

Depois de tantos anos de exercício de funções públicas, ver aqui tantas pessoas, tantos Amigos, que outra coisa poderei dizer, a não ser um profundo agradecimento porque não há coisa mais tocante na vida, que sentir o calor dos seus conterrâneos, a Amizade na sua Terra.

Eu acho e com sinceridade vos digo, que não mereço esta manifestação de apoio.

Vou tentar explicar porquê!

É verdade que tenho tentado ser um bom Presidente de Câmara.

E também é verdade que acho que é obrigação de cada um de nós olhar à volta e ver o que se passa no mundo que nos rodeia.

Olhar as pessoas e não esquecer as suas raízes.

Procurar deixar no desempenho de funções, públicas ou privadas, um pouco mais do que encontrou.

Buscar a realização pessoal, sem esquecer a nossa outra dimensão, a de seres únicos da Criação, que recebemos testemunho e que devemos dar testemunho.

É por assim pensar, que eu acho que não tenho feito mais do que o meu dever, ser um simples cidadão Covilhanense dedicado à sua Terra.

É verdade que sempre me coloquei interrogações, as mais diversas, de como podemos progredir, de como podemos desenvolver.

E é verdade também que nunca fui um conformado, nunca serei um conformado. A acção fascina-me. A oportunidade de ter iniciativa e empreender mexem comigo. Ver equipas a trabalhar com objectivos, entusiasma-me.

Este estilo, esta maneira de ver a vida e o mundo, cedo se instalou.

Devo-a a meus Pais em primeiro lugar e, logo depois, à Cidade e às suas gentes.

Desde menino que descobri na Covilhã a Terra onde o sonho nunca nos abandona. O lugar onde a consciência dos Direitos de Cidadania é indissociável da pessoa humana. Uma Cidade e um Concelho onde o trabalho traz dignidade e define a personalidade individual e colectiva.

É por isso que o gesto dos que organizaram este jantar e a resposta de todos os presentes, só é possível porque a Covilhã, desde há muito, soube sempre reconhecer os que por ela trabalham e se esforçam por a engrandecer e projectar no futuro.

## **PODER LOCAL – PODER DO POVO**

Este jantar é também uma demonstração de que o Poder Local é verdadeiramente a parte sã e aquela que indiscutivelmente é reconhecida pelo Povo, como expressão de Liberdade e Democracia.

Num momento de escolhas sobre o que queremos para o futuro da Covilhã e do Concelho, ninguém deve iludir a realidade, nenhum eleitor deve ceder a razões que não sejam as de participar para a escolha dos melhores, para dirigirem, em vosso nome, a Câmara Municipal.

Escolher é optar por quem dá segurança na escolha, por quem não deseja um cargo para vitórias políticas para si, mas para benefício de todos.

Desde há muito que me habituei a olhar os cargos como oportunidades, de fazer e não apenas dizer, de realizar e não apenas prometer.

A definir com clareza que antes da força dos Partidos, está a qualidade, a determinação e o empenho dos Homens e Mulheres que assumem os cargos para servir os interesses colectivos.

Julgo que ninguém porá em dúvida que assim tem sido nestes anos em que me elegeram para Presidente da vossa Câmara.

Nestes 16 anos, liderei equipas de cidadãos dedicados, os Partidos ficaram à porta, as nossas decisões apenas tiveram como pensamento exclusivo o bem-estar dos Municípes.

Há 16 anos levei para a Câmara sonhos e ambições, vontade de acolher as melhores ideias, de prestigiar o exercício de funções públicas, determinação de mostrar obra, sentido histórico do percurso da Covilhã, conhecimento daquilo a que podemos chamar uma particular maneira de ser e estar Covilhanense.

## SER COVILHANENSE

Confesso que a vida proporcionou-me conhecer o Mundo, deu-me a oportunidade de lidar com pobres e ricos, vultos e Homens anónimos. Andar por fábricas, salões e palácios. Conhecer por dentro as maiores Instituições do Mundo e as Instituições da República Portuguesa.

No fim nada, mas mesmo nada, consegue fazer esquecer a nossa Terra.

Aqui regresso, nas breves ausências, sempre com um prazer indescritível às ruas da minha infância, ainda com o ruído longínquo dos teares nos meus ouvidos.

As imagens dos tecidos estendidos ao ar livre, nas râmolas que buscavam o sol e a temperatura adequadas, pré-anunciando o acabamento que os preparava para as montras de Lisboa e da Europa.

As sirenes que marcavam a hora de entrada e o fim do tempo de mais um dia de trabalho.

E no nosso mundo rural, a força dos homens do campo que dialogam com a terra e são uma fonte de sabedoria.

Estas imagens logo me levam à interrogação permanente que sempre me acompanha:

Porque não somos capazes de ser como os melhores?

Porque não nos organizamos, para, colectivamente, sermos prósperos e estarmos ao lado dos melhores?

Que pode cada um de nós dar para, cuidando do seu Mundo, contribuir para desenvolver a nossa Cidade e o nosso País?

Quando aqui regresso, sempre recorro os que tiveram ambição e se envolveram no trabalho pela Covilhã: “magistrados” na vida social, na Igreja, na Justiça, na Economia, nas Empresas, na Cultura, que fizeram da Covilhã um livro de eleição, na história do nosso País.

E de par com esta realidade, os operários e os empresários da Covilhã, que eu tão bem conheço, porque com eles trabalhei, com eles sempre tenho lidado de muito perto.

Operários e empresários que incorporaram, admiravelmente, o progresso trazido pela revolução industrial e que souberam integrar-se nas suas exigências e na resposta profissional adequada.

Deixem-me falar dos operários da Covilhã que, aqui o afirmo, são verdadeiros príncipes da renascença, verdadeiros artífices da criação pelo trabalho, como nunca encontrei igual.

Na síntese admirável de progresso global da humanidade que o século passado nos trouxe, sou dos que aderiram, por razões de pensamento e Direito natural, às matrizes essenciais da Liberdade, da Justiça e da Solidariedade, na base de concertação das sociedades, para a realização pessoal de cada cidadão.

Na Covilhã, os seus operários sempre incorporaram estes valores e sempre deram mais do que receberam.

Na minha memória e com o meu testemunho, recorro tantos que generosamente souberam aceitar condições difíceis e salários escassos, porque ao lado tinham uma família para alimentar, um

filho ou uma filha, que tentavam subisse na vida, que pudesse ser doutor ou quadro qualificado, no sonho de assim realizarem nos seus sucessores, uma melhor vida do que aquela que as suas origens lhes proporcionaram.

Os operários da Covilhã, fizeram a Cidade e a eles a Cidade se deve.

Como se deve aos empresários que ontem e hoje saltam as fronteiras do Concelho e do País e com os produtos que aqui se fazem, ganham mercados e competem com o Mundo.

Lições de vida que por aí andam, que são um privilégio para quem as conhece.

Na Câmara da Covilhã, meus Amigos, podem alguns criticar-nos por razões diversas, como é próprio da vida em democracia.

Mas ninguém poderá invocar que alguém melhor poderá colocar no exercício de funções municipais, um conhecimento tão profundo, donde vimos, donde vem a nossa Cidade e o nosso Concelho.

## **OBRA FEITA**

É por isso que nos últimos anos tocámos todos os sectores por onde passa o desenvolvimento, na coerência do nosso passado e do nosso presente.

Abrimos uma nova Cidade para o Vale.

Construímos avenidas, praças e pontes.

Equipamentos desportivos, culturais e recreativos.

Parques Industriais e de Ciência e Tecnologia.

Recuperámos o Parque Escolar e as sedes das Associações do Concelho.

Requalificámos a Praça do Município e avançámos com a recuperação da zona histórica.

Construímos novos jardins e piscinas, concluímos a despoluição das linhas de água e das ribeiras, conseguimos que a Covilhã seja um dos poucos concelhos no País com 100% de serviço ambiental, na água, nos resíduos sólidos, no saneamento, segundo os melhores parâmetros europeus.

Pusemos a Covilhã a agregar doze Municípios da Região num esforço conjunto de desenvolvimento integrado.

Iniciamos na Covilhã a mais bela página do Poder Local no Apoio sistemático às gerações mais idosas, através do Cartão Social do Município.

Quem hoje nos visita diz, que a Covilhã está irreconhecível para melhor.

Mudámos a Cidade física, estrutural e qualitativamente.

Não tenho dúvidas em afirmar que é hoje mais agradável viver na Covilhã e no Concelho, que em muitos outros centros urbanos, supostamente desenvolvidos.

Num quadro geral dos últimos anos, em que o nosso País estagnou, o Concelho progrediu.

Numa perspectiva mais alargada, em que se encontrava a Covilhã há 30 anos, o Concelho tem motivos para sentir que andou para a frente.

E tudo se fez sem cedências a vontades de Governos, Partidos, ou grupos de interesses.

## **CENTRALIZAÇÃO E PARTIDARIZAÇÃO**

O Poder em Portugal continua a sofrer de ideias que esclarecem a razão dos nossos atrasos. A nossa estrutura administrativa está imbuída até à medula, do princípio da centralização, mesmo quando fala de descentralizar.

Os Governos, na ânsia de apagar fogos conjunturais, quando anunciam o controlo férreo das Finanças Públicas, não o fazem pela recusa das megalomanias e dos disparates de grandes gastos em obras supérfluas, mas com o sacrifício das Famílias, das Empresas, dos Poderes Locais, dos Municípios.

Vale a pena dizer que a sangria de recursos malgastos, o desperdício dos nossos impostos, não se dá nas Câmaras, verifica-se nos Ministérios, nas Secretarias de Estado, nas Direcções Gerais, nos organismos desconcentrados da Administração Central, onde o princípio da boa-gestão é invocado, mas para aplicar às Câmaras Municipais.

Mas, mais ainda.

A feroz vontade de tudo tutelar da Administração Pública Central, concentra o que devia desconcentrar, exige a submissão pré-avaliadora do que devia controlar sucessivamente, mete-se em tudo e não administra nada.

Abençoado político que um dia vá para o Governo, defina uma política, tenha a lucidez de a propor ao País assumindo os riscos que só os Estadistas são capazes de personificar, acabando com a malha de cumplicidades burocráticas de leis obsoletas e terminando com o centralismo global sufocante, causa principal do nosso atraso.

É a este estado de coisas, que alguns na Província, que alguns na Covilhã, ainda andam colados.

Há quem continue a olhar para a Covilhã como sendo propriedade de um Partido Político.

Dava jeito aos que não tem projecto, que os votos lhes caíssem no regaço, sem uma ideia pela Covilhã, sem que o Povo os conheça, sem que demonstrem trabalho, apenas e só porque têm um emblema partidário na lapela.

Desenganem-se.

A esses devemos dizer que a Covilhã não é propriedade de nenhum Partido Político, os covilhanenses sabem o que querem.

Há quem pense que se os covilhanenses votam assim nas legislativas, também devem votar assim nas municipais.

É preciso responder que os covilhanenses votam assim e assado, conforme lhes aprouver e não têm que dar contas a ninguém, apenas à sua consciência e à sua vontade.

E, neste caso, sabem melhor que ninguém quem merece o voto.

## **OBRA POR FAZER**

É por isso que hoje vos digo, que aqui estamos com muita obra feita, mas com muito mais obra que podíamos ter feito.

Os últimos quatro anos não deixam o Governo da Nação na boa recordação dos Covilhanenses.

- Pedimos ajuda para um Centro de Artes.
- Pedimos ajuda para um Pólo de Competitividade.

Negaram.

- Pedimos que fizessem o contrato para uma Central de Biomassa.
- Pedimos que lançassem a estrada para Coimbra.

Adiaram.

- Pedimos que abrissem concurso para a circular à Covilhã.
- Pedimos que nos licenciassem a barragem da Serra.

Silenciaram.

- Pedimos que confirmassem o diploma da Zona de Jogo da Covilhã.

Vetaram.

- Pedimos que instalassem o Posto de Brigada de Trânsito da GNR.

Adiaram.

- Pedimos apoio para a Igreja da Estação.

Negaram.

- Atribuímos a Medalha de Ouro ao Senhor Primeiro-Ministro.

Não respondeu.

Atitudes destas não estão correctas, não respeitam a Covilhã.

A estas condutas, que ofendem os covilhanenses, temos quem do Partido do Governo, bata palmas, se congratule e, em vez de apoiar a Câmara, prefira a subordinação à voz do clube partidário.

Estes Senhores são os chamados cônsules do Governo junto das populações e não os defensores das populações junto dos Governos. É preciso dizer não a certos representantes menores do actual Governo e é pela importância destes comportamentos, que aqui vos chamo a atenção.

A Câmara da Covilhã não pode ser dirigida por quem receia dizer as verdades seja a que Governo for, por quem abdique da exigência daquilo que o Estado secularmente nos deve: melhor afectação de recursos, uma administração justa, políticas de reequilíbrio do País.

Não podemos ter na Câmara da Covilhã quem subordina as suas conveniências partidárias aos interesses do Concelho.

Tenho a profunda convicção que é preciso afirmar que a Covilhã não pode aceitar a hostilização de governantes, seja de que partido for, que descriminam quem não é dos seus partidos.

## O DESAFIO

Nos últimos tempos disse a muitos Amigos o que pensava das próximas eleições.

Que tenho orgulho na obra feita nestes quatro mandatos para que fui eleito.

Que entendo haver um tempo para cada coisa, como diz a Bíblia no Eclesiastes.

Que o cargo é cada vez mais exigente, que a coordenação, acompanhamento de assuntos municipais, a resposta às solicitações das famílias, das pessoas, das empresas, das Instituições e da Cidade, solicita hoje muito mais esforço.

E tenho dito mais.

Que a Câmara tem hoje um grupo de trabalho, composto pelos seus funcionários, chefias, quadros técnicos, onde prevalece uma grande mobilização para executarem as tarefas com qualidade e dedicação ao serviço.

Dizem-me que não se pode perder a dinâmica criada, que passa pela liderança e pela Presidência da Câmara. Lembraram-me o mandato de 1994/98 de triste memória, em que a Covilhã parou, a Administração Municipal foi incapaz, perdemos oportunidades, perdemos prestígio.

Tenho respondido chamando a atenção sobre a formulação didáctica que cabe a todos os democratas, de que ninguém é insubstituível na vida pública.

Mas a verdade é que, a cada passo, é este o diálogo dos últimos

tempos, que aqui vos trago com a verdade e a sinceridade que ponho na minha vida.

Não escondo que a minha reflexão sobre as tarefas dos próximos quatro anos não têm abrandado apesar do que tenho dito, apesar dos dezasseis anos de que vos venho falando.

A Covilhã tem possibilidades de dar um enorme salto nos próximos quatro anos.

Arrumadas muitas das questões de infra-estruturas que consumiram muitos dos recursos nos últimos anos, pode o Município dedicar-se à questão essencial que preocupa hoje o mundo inteiro, mesmo depois do grande esforço já feito.

Trata-se de ajudar à criação de empresas e de emprego, à criação de riqueza sem a qual não há mais e melhor bem-estar.

Para isso contamos com os empresários, aqueles que na Covilhã, dão um exemplo de resistência, capacidade e iniciativa e também com as empresas do País e da Europa.

Até meados de Agosto vamos fazer contratos que permitirão mais 300 empregos com uma única empresa de novas tecnologias e vamos assinar com a Ubi, a Siemens, o Hospital e o Parkurbis, o contrato que conduzirá ao Parkurbis Medical, ligado à Faculdade de Medicina.

Estes sucessos devem-se ao esforço das equipas que constituímos e que hoje são respeitadas pelo seu esforço e pela inovação que trouxeram à Covilhã.

Mas os próximos anos vão confrontar, quem elegermos para a Câmara, com mais duas realidades inescapáveis.

A primeira é a situação a que foi conduzida a nossa Sociedade, com cada vez maior número de pessoas a procurar a rede de Centros de Dia e Lares da 3ª Idade.

A Câmara da Covilhã e o próximo Governo devem entender-se para possibilitar que aqueles que estão sós ou aqueles que têm as Famílias longe, possam ter quem os assista em casa, em permanência, através da combinação de recursos dos próprios, da Câmara e do Estado Central, evitando que a única alternativa seja o abandono do Lar, que não consegue replicar o ambiente familiar, a intimidade do espaço, a casa própria.

A segunda questão, tem a ver com a nossa agricultura.

Está provado que os Governos conduziram a agricultura portuguesa a um verdadeiro desastre. Está em causa o nosso abastecimento, mas está em causa também muito da nossa independência alimentar estratégica, enquanto Nação independente.

Faz pena ver que a agricultura em Espanha e França, produz, vende e remunera, a agricultura em Portugal é o espelho do desprezo pelo Portugal profundo, pelos agricultores, pela economia nacional e regional.

Vive-se na agricultura a celebrar os subsídios, o betão do regadio e pouco mais.

Ninguém cuida do que se pode produzir, como, onde, quem comercializa, quem compra, onde se vende.

Esta é uma causa nacional, mas é também uma questão regional.

Os Municípios devem entrar decididamente neste sector e fazer o que os Governos não têm sido capazes: chamar a lavoura,

identificar objectivos, apresentar programas, para mudar a realidade actual.

Quem ignorar o que o Mundo actual exige de inovação, reforma e acção não vai conseguir juntar-se ao novo paradigma que se desenha já para o pós-crise.

E não se pense que tudo passa apenas pelos Governos Nacionais: os Poderes Locais vão ser a mola real de desenvolvimento neste século.

Tudo por eles vai passar desde a Educação à Formação, a Solidariedade Social, os transportes, os apoios à Família, a Saúde, a Agricultura, a nova Sociedade de Informação, para além de todas as atribuições que já hoje decorrem da Lei.

## **VAMOS EM FRENTE**

É por esta razão que dei a mim próprio um espaço de reponderação sobre as próximas eleições autárquicas.

E disse aqueles que me têm dirigido palavras de estímulo para me recandidatar, que eu próprio procurava avaliar o que pensa a Cidade e o Concelho.

Vinte e oito Presidentes de Junta vieram dizer-me que eu continuava a reunir o seu apoio para continuar. É muito importante a sua palavra, pelo que conhecem das freguesias e do trabalho que tem sido feito.

Nos últimos dias tenho recebido mensagens, as mais diversas, todas num só sentido, candidate-se.

Esta reunião/jantar, nesta noite tão calorosa, renova-me para uma decisão que vos quero anunciar, com a mesma força de sempre e com o mesmo desejo de vencer:

Sou candidato à Câmara da Covilhã, nas próximas eleições autárquicas de Outubro 2009.

Com esta candidatura nasce aqui o compromisso de marcarmos um período decisivo na nossa Cidade.

Sou candidato e irei com humildade pedir às pessoas pela Covilhã e pelo Concelho.

Sou candidato e peço que me acompanhem nesta missão de mobilização de vontades de todos os quadrantes, com alegria, porque sou candidato pelo único Partido que tem que vencer nestas eleições, o Partido da Covilhã, porque é esse que me inspira nesta candidatura.

Peço-vos que façam campanha comigo que mobilizem os que querem vencer as próximas eleições, pela Covilhã.

  
A handwritten signature in black ink, reading 'Carlos Pinho', with a horizontal line underneath.



Discurso de anúncio de candidatura/Julho 2009  
[www.carlospinto2009.com](http://www.carlospinto2009.com)